

O QUE ELE QUER

Com um pé na televisão aberta e outro no cinema de arte, Cauã Reymond, que mostra, nestas páginas, um preview da nova coleção da Emporio Armani, fala de relacionamentos bem-sucedidos, sonhos não realizados, o machismo contemporâneo e a atual cinematografia brasileira

*Por MARÍLIA KODIC
Fotografia HADAR PITCHON
Moda JULIANO CORBETTA*





Camisa, blazer e calça
EMPORIO ARMANI.

Raras figuras brasileiras hoje recebem tanto a alcunha de galã quanto ele, mas Cauã Reymond nunca vestiu o fardo. “Não rola de acordar e me sentir assim, nunca rolou. Mas fico lisonjeado. Acho até que estou dando uma melhorada com a idade!”, brinca, dizendo que sua vaidade é com a saúde. “Gosto de dormir bem, estar em forma fisicamente, sentir que estou com energia. Quando venho a Nova York, deixo uma grande parcela do meu cartão de crédito no Whole Foods [a rede de supermercados de produtos orgânicos]”, conta o ator, que conversou com L’Officiel Hommes direto da cidade, onde acompanhava a cerimônia do Emmy Internacional. No evento, considerado o Oscar da televisão mundial, foram finalistas as séries “Justiça” e “Alemão”, cujos elencos integrou.

Ele acaba de lançar o longa “Não Devore Meu Coração”, no qual interpreta um herói bruto (com quem, garante, não tem nada em comum), e de que também foi coprodutor. “É um filme superpequeno, de baixo orçamento, e acabamos ganhando um espaço grande, algo que não imaginava. Abrimos o Festival de Brasília, fomos para festivais internacionais, como o de Berlim, e estamos com críticas ótimas. É raro um filme desse tamanho fazer essa carreira. Eu achava que a gente ia estrear em quatro salas de cinema e só [risos]. Estou feliz com o resultado”.

Outra produção em que aposta é “Piedade”, novo filme do cineasta Cláudio Assis (“Amarelo Manga”, “Baixio das Bestas”, “Febre do Rato”): “Acho que vai fazer uma trajetória similar, viajando bastante, participando de bons festivais antes de ser lançado por aqui”. Com estreia prevista para o primeiro semestre de 2018, o drama, que ganhou publicidade por conta das cenas de sexo entre Cauã e Matheus Nachtergaele (“foi normal, estava no roteiro e rolou de forma tranquila”, abrevia), trata do poder político por trás de desastres ambientais.

“A trama, que não tem só a ver com o Brasil, mas a América Latina como um todo, tem um viés político muito forte”, conta Cauã, pouco afeito a falar de política enquanto pessoa pública. “Sou bem cauteloso, mas me considero um aprendiz das questões ambientais, usando os espaços que tenho para mostrar o que está acontecendo. É o que faço para as minhas mídias sociais não virarem simplesmente um lugar de autopublicidade, e para dar densidade à minha comunicação com o grande público”, diz.

Gravado em Pernambuco, o filme é um representante salutar da pujante cena audiovisual que vem proliferando no estado, representada por nomes como Kleber Mendonça Filho (“O Som Ao Redor”, “Aquarius”), Gabriel Mascaro (“Boi Neon”) e Hilton Lacerda (“Tatuagem”). “Acho que eles vêm fazendo o melhor cinema do Brasil, abrindo lugar para falar de assuntos diferentes, delicados”, diz ele, ressaltando que, desde o início da carreira, tem priorizado o cinema mais experimental, independente e denso, em detrimento do puramente comercial: “Venho construindo uma trajetória em que 95% das minhas escolhas são pela arte”.

Isso não o impede, de ser figura estável na televisão, onde tem a oportunidade de se comunicar não apenas com o público nichado do cinema, mas com a massa. É o caso de “Ilha de Ferro”, minissérie que estreia em 2018, em que formará um triângulo amoroso com Sophie Charlotte e Maria Casadevall. “Acho bacana essa comunicação com a massa, e gosto muito desse momento das séries”.



Camiseta de tricô, calça com meia saia e sapatos EMPORIO ARMANI.



Jaqueta e bermuda
EMPORIO ARMANI.

Na pág. ao lado,
camiseta de tricô
EMPORIO ARMANI.



Não rola de acordar e me sentir assim [galã], nunca rolou. Sou bem cauteloso, me considero um aprendiz das questões ambientais. Gosto de dormir bem, estar em forma fisicamente, sentir que estou com energia. Venho construindo uma trajetória em que 95% das minhas escolhas são pela arte. Estou feliz com o resultado. Acho bacana essa comunicação com a massa. O machismo é um assunto que traz ainda muita angústia, tristeza e raiva. Por meio dos meus trabalhos e das minhas escolhas, venho tentando me posicionar, e acho que estou fazendo isso bem. Minha carreira não caiu no meu colo, então, por vezes, fui egoísta. Me desculpe, mas não vou dividir nada sobre ela não, tá? Sou superprotetor e zeloso.



Quimono
EMPORIO ARMANI.

Na pág. ao lado, blazer
EMPORIO ARMANI.



“O Brasil não deixa a desejar em nada para os conteúdos gringos”, diz, adiantando que a trama abordará a vida de pessoas que passam metade do mês em plataformas petrolíferas, em alto-mar, e que tratará também de machismo – a personagem de Maria Casadevall torna-se chefe da plataforma, mas não sem gerar polêmicas com isso.

“O machismo é um assunto que traz ainda muita angústia, tristeza e raiva, gerando conflitos com os quais, às vezes, até me surpreendo. Mas também nos faz pensar. Tenho uma filha pequena e também estou me entendendo nessas mudanças, me questionando sobre em quais situações penso de forma antiquada e em quais já sou de vanguarda”, diz, corrigindo-se logo em seguida: “de vanguarda não, do presente!”. Ao destacar a importância de se debater questões ligadas à intolerância, o ator relembra o clipe de “Your Armies”, da carioca Barbara Ohana, lançado em 2016. “Faço uma trans. Foi produzido com dinheiro do meu próprio bolso. Acho que, por meio dos meus trabalhos e das minhas escolhas, venho tentando me posicionar, e acho que estou fazendo isso bem”.

O exemplo é, sobretudo, para Sofia, sua filha de 5 anos com a atriz Grazi Massafera, com quem foi casado por seis anos, até 2013. “Me desculpe, mas não vou dividir nada sobre ela não, tá? Sou muito cuidadoso, tenho medo de jogá-la em uma situação pública sem ela querer. Fico me perguntando se, mais para frente, ela não vai se perguntar por que não nos preocupamos em protegê-la mais. Então, sou superprotetor e zeloso. Se ela quiser entrar nesse universo, vai poder fazer a escolha por conta própria”, diz, com firmeza paternal.

Hoje vivendo com a modelo Mariana Goldfarb, com quem namora há dois anos, Cauã compartilha seus alicerces para um relacionamento bem-sucedido: companheirismo, respeito mútuo e erotismo. “Um relacionamento sem essas três coisas não dá certo. E, é claro, saber que não há perfeição. Às vezes as coisas se quebram, mas, quando isso acontece, se você está realmente prestando atenção em tudo, vai sair daquilo com uma lição”. Ele também confessa que já foi aut centrado demais quando jovem, enquanto batalhava pelo êxito profissional. “Minha carreira não caiu no meu colo, então, por vezes, fui egoísta. Tenho essa consciência. Mas também acho que, em alguns momentos, a gente tem que ser egoísta, mesmo. Mas com respeito, compreensão e diálogo.”

Distante do tempo em que não saboreava o sucesso, Cauã fala com entusiasmo sobre os projetos do ano que está por vir, no qual deve interpretar Dom Pedro no cinema, sob direção de Laís Bodanzky (“Bicho de Sete Cabeças”, “As Melhores Coisas do Mundo”). “Queremos contar a história do homem, e não do Imperador. Vemos como as mulheres, como a Leopoldina e a Marquesa de Santos, o influenciaram, ocupando um lugar importante em sua história. Acho que a gente está caminhando para esse macho alfa falho, esse Trump, esse cara que poderia ter conduzido o Brasil a um lugar diferente”, diz. “Devemos filmar no segundo semestre. Ver esse projeto concluído é um dos sonhos que quero realizar.”

No que tange desejos a serem perseguidos, o ator elenca mais três. “Gostaria de ter mais filhos; de produzir conteúdo sem necessariamente atuar nele; e de ver a indústria cinematográfica brasileira andando pelas próprias pernas, sem depender de incentivo. É um grande sonho. Seria muito bonito, eu seria um velhinho feliz (rs)”.





GROOMING
Fabio Petri

Calça EMPORIO ARMANI.